

Aspectos teóricos e ideológicos sobre o discurso do aquecimento global

Resumo

A questão do aquecimento global derivado de atividades antrópicas toma conta de considerável parte das atenções individuais e públicas nos cenários políticos, econômicos, sociais e ambientais na atualidade. Os aspectos teóricos e ideológicos dos discursos ambientais envolvidos, entretanto, são muitas vezes ignorados. Este trabalho tem como objetivo trazer à tona a discussão sobre este assunto (a ideologia que envolve as interpretações das mudanças climáticas mundiais) sem pretender esgotá-lo. Será utilizado, para tanto, o arcabouço teórico sobre a ideologia desenvolvido por Göhan Therborn (1991) aplicado na análise do livro *Seis Graus* de Mark Lynas (2009) e do documentário *Uma verdade inconveniente* de Al Gore (2006) que servirão de exemplo para a caracterização da corrente de interpretação que deriva o aquecimento global das atividades antrópicas como ideológica e para alusão dos modos pelos quais tal ideologia interpela os sujeitos, no sentido de submetê-los e qualificá-los.

Palavras-chave: aquecimento global, ideologia, discurso.

Abstract

THEORETICAL AND IDEOLOGICAL ASPECTS OF THE GLOBAL WARMING DISCOURSE

The global warming derived from human activities issue takes account today of a considerable part of individual and public attention in the political, economic, social and environmental scenario. The theoretical and ideological aspects of the environmental discourses involved are however often ignored. This paper aims to bring to light without attempting to exhaust the discussion on this subject (the ideology that involves interpretations of global climate change). To reach the objective it will be used de theoretical framework of ideology developed by Göhan Therborn

(1991) applied to *Six Degrees* book by Mark Lynas (2009) and *An inconvenient truth* documentary by Al Gore (2006) analysis. Both works served as an example for the characterization of the point of view that blames human activities for global warming as ideological and how this ideology interpellates the individuals, in order to submit and qualify them.

Key-words: global warming, ideology, discourse.

1. Introdução

Pode-se dizer que a temática do aquecimento global ganhou destaque e certo “prestígio” social devido a alguns motivos: (1) à capacidade de ser entendida e transmitida – muitas vezes de maneira equivocada – por meio de alguns princípios fundamentais básicos, como a tão aclamada analogia do efeito estufa aplicado ao sistema climático global; (2) ao apoio recebido da divulgação midiática de massa; (3) à implicação de consequências flagrantes no cotidiano das pessoas e, principalmente, (4) por envolver interesses políticos e econômicos de um mundo globalizado, capitalizado e inteiramente dependente de energia e consumo. Os itens listados acima, em conjunto, formam a base da qual emergem o que, neste texto, serão denominadas de *ideologias ambientais climáticas*. São *ambientais* por abrangerem as representações ou interpretações das interações dialéticas entre o homem e a natureza e *climáticas* por tratarem especificamente das mudanças climáticas globais, suas causas e consequências. A distinção climática deve ser feita tendo em vista que as ideologias ambientais, em processo evolutivo pertinente a qualquer tipo ideológico, já se viram travestidas em diversos contextos no decorrer do tempo histórico. Essa evolução é claramente exemplificada pela mudança de foco recente (décadas de 1970 a 1990) do discurso ambientalista, que passou a condenar a emissão dos chamados gases do efeito estufa (em especial o CO₂) depois de ter vencido a batalha contra a emissão do gás clorofluorcarbono (CFC).

Tais ideologias, como tentaremos mostrar, são responsáveis por profundas interpelações nos/dos sujeitos envolvidos que, por se tratar de tema “global”, representam toda a sociedade, refletindo, assim, suas características de universalidade e transversalidade. Notadamente o autor David McLellan, analisando as origens do termo ideologia, ressalta que

o crescimento de informações multivariadas no passado “significava que sua interpretação se tornava problemática e, para dar um sentido a todo o novo material, surgiram estruturas concorrentes refletindo diferentes interesses” (MCLELLAN, 1987, p. 16). McLellan aponta ainda que essas novas estruturas ou ideologias, apesar de parciais em sua origem, “tinham de ter um apelo universal” (Idem, p. 17).

Nas últimas décadas verificou-se um crescimento exponencial da disponibilidade de informações sobre o clima da Terra – oriundas de diferentes fontes e de múltiplas metodologias – e, com isso, o surgimento de uma série de posturas ou correntes antagônicas que se dedicaram a interpretá-las. Durante as últimas décadas considera-se que duas vertentes mais proeminentes estejam se defrontando no cenário mundial com relação à temática do aquecimento global: de um lado os chamados aquecimentistas ou alarmistas e do outro os céticos ou negadores. Essa dicotomia de interpretações nada mais é do que o próprio surgimento de estruturas ideológicas, no sentido defendido por McLellan (1987).

É digno de nota que este trabalho não pretende reduzir toda a discussão acerca do aquecimento global na disputa um tanto maniqueísta entre as duas estruturas ideológicas citadas, uma vez que interpretações multivariadas do tema se formam de maneira contínua. O que se pretende é unicamente o realce das duas principais correntes sem, com isso, ignorar a existência de outras possibilidades. Este é, com efeito, um dos aspectos que pretendemos demonstrar como recorrentes nos discursos sobre o aquecimento global, nos quais as estruturas ideológicas se materializam de maneira evidentemente falaciosa.

Nota-se, de antemão, que a própria formulação linguística utilizada para distinguir as duas correntes carrega algum significado ideológico de representação, podendo ser concebida de forma positiva para alguns e, muitas vezes, de forma negativa ou pejorativa para outros. Tendo como referência o conceito de significado como sendo aquilo que “preenche, por assim dizer, o aspecto representacional do signo, que é aquilo que podemos *pensar* em associação a ele [...]” (FREITAS, 2010, p. 80), pode-se inferir os aspectos a serem *pensados* ideologicamente ao taxar uma vertente de argumentações de “alarmista” e outra de “negadora”. Este aspecto será regularmente ilustrado ao longo da discussão deste trabalho.

Com o propósito de dinamizar a discussão atual, contudo um tanto banalizada no âmbito da ciência geográfica, este trabalho pretende analisar: (1) os motivos pelos quais as vertentes atuais de interpretação dos dados climatológicos de longo termo, em especial aquelas que derivam o aquecimento global das atividades antrópicas, devem ser consideradas ideológicas e (2) como elas se materializam, em maior ou menor grau, com aspectos falaciosos em seus discursos. Cabe ressaltar, entretanto, o que *não* é objetivo desta investigação para que, desde já, não se criem expectativas que não nos caberá satisfazer. Este trabalho *não* tem a pretensão de elucidar totalmente a questão do aquecimento global – mergulhando fundo nas questões por trás dos discursos ideológicos – para que seja tomada uma posição definitiva em relação a ela, como se tratasse de uma preocupação fundamentalista ou até maniqueísta. Concordamos com David McLellan (1987, p. 14) quando diz que:

Qualquer investigação sobre ideologia torna difícil evitar a lamentável conclusão de que todas as opiniões sobre a ideologia são em si próprias ideológicas. Mas ela tem de ser evitada – ou pelo menos modificada pela afirmação de que algumas opiniões são mais ideológicas do que outras. Pois o simples pensamento de que todas as opiniões são ideológicas se depara com duas dificuldades: em primeiro lugar, toca as raízes do vazio, visto que é tão amplo que quase perde o significado; em segundo lugar e de modo mais prejudicial, contém o mesmo disparate lógico que a declaração de Epiménides, o Cretense, quando afirmava que todos os Cretenses eram mentirosos (MCLELLAN, 1987, p. 14).

Neste sentido, já vislumbrando provável questionamento no que diz respeito ao posicionamento ideológico deste próprio trabalho com relação à temática do aquecimento global, adiantamos que a análise que oferecemos não é imparcial, pois como apontou recentemente o filósofo esloveno Slavoj Žižek (2011, p. 18, grifos no original) “*a verdade é parcial, só acessível quando se adota um dos lados, mas nem por isso menos universal*”. O lado que aqui se adota é o do ceticismo científico e o que se pretende é justamente evitar a lamentável conclusão apontada por McLellan e buscar por aquela opinião menos ideológica do que as outras.

2. Procedimentos metodológicos

Para se admitir uma discussão teórica sobre as mudanças climáticas é preciso lançar mão do método de análise comparativa, deixando para as investigações de caráter mais aplicado os modelos computadorizados de reconstrução do clima em ambiente laboratorial. De qualquer forma, deve-se incluir este trabalho em um sentido mais amplo da ciência no qual as análises de maneira alguma geram conhecimentos menos confiáveis sobre o mundo do que equações matemáticas.

Visando alcançar o seu primeiro objetivo este trabalho utiliza o livro *Seis Graus: o aquecimento global e o que você pode fazer para evitar uma catástrofe*, de Mark Lynas (2009), e o documentário *Uma verdade inconveniente*, de Al Gore (2006), como representantes do discurso ideológico ambiental climático que deriva das atividades humanas as causas e consequências do aquecimento global. A análise poderia se estender a outras publicações, porém, pela restrição de espaço, este trabalho se limita às obras citadas.

Considerando que o discurso ideológico falacioso não é só aquele que tende a originar uma distorção da realidade, mas também está inserido em um processo social que submete e qualifica os atores sociais, se mostrarão satisfatórias, para os objetivos deste trabalho, as concepções teóricas da ideologia de Göran Therborn¹ (THERBORN, 1991). Alguns dos conceitos formulados pelo referido autor serão, ao longo do texto, resgatados para demonstrar a estruturação ideológica das obras analisadas.

Os critérios para determinação de argumentos falaciosos dos discursos das obras analisadas – nosso segundo objetivo – foram alicerçados em *O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro*, de Carl Sagan (2006), e *O guia de falácias lógicas*, de Stephen Downes (1996). Estes critérios, enumerados de maneira aleatória, são: (1) a necessidade de não ficarmos demasiadamente ligados a uma hipótese, só por ser a nossa; (2) a preocupação em nos perguntarmos se a hipótese pode ser, pelo menos em princípio, falseada; (3) a importância de considerarmos mais de uma hipótese; (4) a consciência de que argumentos de autoridades têm pouca importância; (5) as falácias de motivos, em detrimento a razões (apelo à força, às emoções e às consequências); (6) a falácia do falso dilema; (7) o problema de caricaturar uma determinada hipótese para mais facilmente

combatê-la e, por fim, (8) a falácia das causas genuínas, porém insignificantes. Para uma melhor apreciação das reflexões aqui levantadas e por questões de estruturação didática, os critérios acima enumerados foram todos, em tempo oportuno, devidamente esclarecidos, utilizando exemplos claros e contextualizados para dinamizar a leitura.

Por fim, por se tratar de um texto que prima pela divulgação da ciência em geral e pela climatologia geográfica em particular, alguns termos e processos que se mostraram demasiadamente técnicos foram, na medida do possível, esclarecidos para que o leitor, por mais distante que esteja do conhecimento da ciência do clima, possa melhor se inteirar da discussão.

3. Reflexões sobre os resultados alcançados

A ideologia, dentro do arcabouço teórico conceitual utilizado neste trabalho, pode ser definida como sendo aquele “aspecto da condição humana no qual os seres humanos vivem suas vidas como atores conscientes em um mundo que cada um deles compreende em graus distintos” (THERBORN, 1991, p. 1) e que “funciona como um discurso que se dirige ou – como disse Althusser – interpela os seres humanos enquanto sujeitos” (Idem, p. 13). Dentro do universo das ideologias ambientais climáticas, este conceito se aplica na medida em que se materializa em discursos que interpelam e participam da construção da subjetividade humana, uma vez que estas “estão constituídas por intercessões do psíquico e do social e podem ser consideradas como os aspectos externos mais conscientes e mais socialmente mutáveis da pessoa” (Idem, p. 14). Considerando, por exemplo, o documentário *Uma verdade inconveniente* de Al Gore, pode-se dizer que a subjetividade de seus espectadores está sendo moldada na medida em que são apresentados argumentos emocionais (e pouco científicos) para se fazer crer no aquecimento global derivado de atividades antrópicas (GORE, 2006). Michal Petřík, citado no livro de Vaclav Klaus, descreve com precisão a materialidade desta forma de interpelação ideológica presente no documentário, ao relembrar uma cena trágica envolvendo o urso polar (um destacado garoto propaganda do discurso alarmista do aquecimento global) como sendo:

[...] o desenho animado de um urso polar que nada sem parar, tentando encontrar um pedaço de gelo onde descansar; mas o pedaço de gelo que ele encontra é fino demais para suportar seu peso e se rompe, então o urso polar precisa continuar nadando, rumo à inevitável morte (PETŘIK, 2006, p. 84 apud KLAUS, 2010, p. 9-10).

O discurso de Al Gore se materializa, portanto, de maneira falaciosa ao utilizar os cenários catastróficos fornecidos pelo Painel Intergovernamental de Mudanças Climáticas (IPCC, sigla em inglês). O apelo à emoção ao invés da razão utiliza da combinação de três falácias lógicas: (1) apelo à força (*argumentum ad baculum*), (2) apelo às consequências (*argumentum ad consequentiam*) e (3) apelo à emoção (*argumentum ad populum*) (DOWNES, 1996).

Todas se referem ao argumento em voga de que se alguém não é adepto do discurso do aquecimento global derivado de atividades antrópicas – ou qualquer outro que não seja sustentável e “verde” –, este alguém é anti-natureza. Quando este raciocínio é levado às últimas consequências, pode ser considerado “uma ideologia anti-humana” (KLAUS, 2010, p. 4). A primeira falácia é assegurada pelas consequências desagradáveis que se seguem caso o espectador discorde da hipótese de Al Gore. A segunda, que segue o mesmo raciocínio, é determinada pela maneira com que o apresentador, para mostrar que uma hipótese é falsa (no caso, a hipótese do aquecimento global natural, não antropogênico ou qualquer outra que não seja a sua própria), aponta as mesmas consequências desagradáveis – o apocalipse climático no caso de Al Gore e Mark Lynas em sua obra *Seis Graus* (2009) – que são advindas caso seja defendida. A terceira sustenta-se pelos apelos diretamente emocionais – como mencionar guerras e genocídios por motivos climáticos ou a morte dos ursos polares (DOWNES, 1996). O apelo às emoções está geralmente relacionado ao sentimento de culpa (muito poderoso no sistema psicológico humano como um todo e nas esferas religiosas, em particular) que é tornado um eficiente modelador da subjetividade humana. Outra citação de Michal Petřik resume a capacidade de modulação falaciosa da subjetividade humana presente no documentário de Al Gore, considerando que:

O filme foi um sermão de viés ideológico e ambientalista e provavelmente comete todos os erros possíveis de se cometer. Gráficos sem escala, símbolos ou unidades, joguinhos emocionais que até mesmo ativistas do Greenpeace não se envergonhariam

em fazer. [...] O filme exime-se completamente de justificar os métodos que levaram às deduções, às correlações e previsões resultantes, ao mesmo tempo em que extrapola ao máximo as previsões negativas e as catástrofes vindouras. E então surge um político que é o único Messias, que reverte essa catástrofe e salva toda a humanidade (PETŘIK, 2006, p. 84 apud KLAUS, 2010, p. 9-10).

Alguns dos aspectos fundamentais dos processos ideológicos apontados por Therborn são seus modos de interpelação na medida em que submetem/qualificam os sujeitos. Para o autor existem três modos fundamentais de interpelação ideológica na medida em que a ideologia diz aos sujeitos e os fazem reconhecer (1) o que existe e o que não existe; (2) o que é bom, correto, justo e seus contrários; e (3) o que é possível e impossível (THERBORN, 1991, p. 15). Estes modos de interpelação aparecem tanto implícita quanto explicitamente nos discursos materializados das ideologias ambientais climáticas.

Ao ler *Seis Graus* ou assistir ao documentário de Al Gore verifica-se existir apenas uma hipótese para o aquecimento global: o homem é responsável pelas alterações do clima e, portanto, se tomadas as atitudes individuais e políticas coletivas, as catástrofes previstas para o fim do século, quando os termômetros atingirão 6°C a mais que hoje, poderão ser contidas. Existe, portanto, um excesso de confiança na veracidade deste discurso. Essa confiança se vincula diretamente a falácias que estão na contramão de duas suposições teoricamente necessárias para uma investigação séria e preocupada com a busca da verdade dos fatos. Tais suposições são (1) a consideração de mais de uma hipótese para explicar um fenômeno e (2) o desapego a uma determinada hipótese, mesmo sendo a sua própria (SAGAN, 2006, p. 241-242). A verificação de uma hipótese deve, portanto, passar pela sistemática suposição de hipóteses contrárias. Como propõe Sagan, “se alguma coisa deve ser explicada, é preciso pensar em todas as maneiras diferentes pelas quais *poderia* ser explicada” (SAGAN, 2006, p. 241). Dessa forma, as ideologias ambientais climáticas interpelam os sujeitos dizendo a eles e os fazendo reconhecer que *existe* o aquecimento global derivado de atividades antrópicas e o que *não existe* é a incapacidade do ser humano modificar o clima global.

Uma das falácias mais recorrentes nos trabalhos relacionados ao aquecimento global é a dispersão do falso dilema. Com ela é dado um número limitado de opções, quando de fato há mais (DOWNES, 1996). No

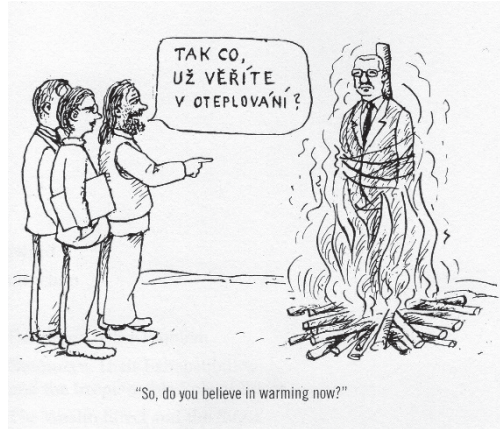
caso da temática do aquecimento global, esta falácia se traduz no falso dilema do aquecimento natural *ou* antrópico, fazendo emergir as duas correntes de interpretação citadas na introdução deste texto (céticos ou alarmistas)². A obra de Mark Lynas e o documentário de Al Gore estão imbuídos deste falso dualismo que chega a ter um caráter maniqueísta. Aqueles que defendem a hipótese do aquecimento derivado de atividades antrópicas do lado do bem contra aqueles que ficam do lado da hipótese do aquecimento por causas naturais (ou outras hipóteses menos comentadas) representando o lado perverso, os “fora da lei”. Neste ponto as concepções ideológicas dos discursos envolvidos afloram de maneira evidente. Resgatando as conceituações teóricas de funcionamento dos discursos ideológicos, este aspecto maniqueísta das ideologias ambientais climáticas é um exemplo de interpelação que diz aos sujeitos “o que é bom, correto, justo, atrativo, agradável e seus contrários” (THERBORN, 1991, p. 15) e nos remete à forma discursiva de sanções que nega a subjetividade do indivíduo interpelado e que, para Therborn, funciona como a excomunhão, sendo que:

A pessoa excomungada é condenada temporalmente ou para sempre à inexistência ideológica: não merece ser escutada, é o branco da objetivação ideológica, é alguém cujas palavras serão consideradas somente como sintomas de alguma outra coisa: de loucura, de depravação e questões semelhantes. A excomunhão ideológica vem acompanhada normalmente de sanções materiais como a expulsão, o confinamento ou a morte (THERBORN, 1991, p. 67-68).

Não há registro, até o presente, de casos extremos e trágicos no embate entre as correntes de interpretação ideológica das mudanças climáticas. É evidente, porém, que as sanções materiais existem para as pesquisas em climatologia que não se alinham à concepção de mudanças climáticas derivadas de atividades antrópicas. Tomando como exemplo o Brasil, este fato é retratado pela dificuldade ou a total falta de acesso aos recursos junto às instituições de fomento à pesquisa. Este processo de excomunhão pode ser ilustrado, em uma inteligente alusão ao período histórico em que os descrentes eram condenados à morte na fogueira da Inquisição cristã, pela charge retirada do livro de Václav Klaus (2010) (Ilustração 1).

Ilustração 1

“ENTÃO, VOCÊ ACREDITA EM AQUECIMENTO GLOBAL AGORA?”



Fonte: Charge retirada do livro *Planeta azul em algemas verdes. O que está correndo perigo: o clima ou a liberdade?* de Václav Klaus (2010).

Outra falácia recorrente nos discursos de Lynas e Al Gore (e de boa parte dos trabalhos que versam sobre as mudanças climáticas de um ponto de vista afastado do conhecimento atmosférico científico) é a ideia das causas genuínas, porém insignificantes. Em termos geográficos essa falácia se traduz em extrapolações de causas e efeitos em níveis escalares naturalmente intrincados de forma hierarquizada e complexa tanto no espaço quanto no tempo. Mark Lynas, por exemplo, argumenta que “as taxas mais aceleradas da liberação de CO₂ vulcânico levam milênios para terem qualquer efeito mensurável sobre o clima. Estamos realizando esse mesmo efeito em questão de décadas” (LYNAS, 2009, p. 222). O autor parece se esquecer de atividades vulcânicas pontuais recentes, como a erupção do Pinatubo, nas Filipinas, em 1991, e do Cracatoa, na Indonésia, em 1883, que foram responsáveis por alterações – de resfriamento³ – consideráveis no clima da Terra (POLLACK, 2011, p. 134-135).

Tais extrapolações escalares muitas vezes ferem alguns princípios fundamentais das ciências atmosféricas, como os propostos e defendidos por Ribeiro (1993) e outros autores:

- a) São consideradas escalas superiores aquelas mais próximas do nível planetário e escalas inferiores aquelas mais próximas dos indivíduos habitantes da superfície da Terra;

- b) As combinações de processos físicos interativos numa escala superior resultam em modificações sucessivas no comportamento da atmosfera nas escalas inferiores;
- c) As combinações particulares de processos físicos nas escalas inferiores possuem limitada repercussão nas escalas superiores.

A falácia lógica das causas genuínas, porém insignificantes, pode ser considerada, nos discursos, a materialização da forma pela qual as ideologias ambientais climáticas interpelam os sujeitos dizendo a eles e os fazendo reconhecer o que é possível e impossível (THERBORN, 1991, p. 15) com relação às mudanças climáticas. O próprio subtítulo da obra de Lynas em sua tradução para a edição em português “o aquecimento global e o que você pode fazer para evitar uma catástrofe” (LYNAS, 2009), apesar de não ser fiel ao original em inglês (“*our life on a hotter planet*”: “nossa vida em um planeta mais quente”, em nossa tradução livre), retrata o apelo às emoções e a interpelação ideológica do possível.

Neste sentido, como as causas do aumento da temperatura do planeta estariam diretamente ligadas às atividades humanas, seria logicamente *possível* reverter as previsões catastróficas. As possibilidades propostas na grande maioria dos discursos provenientes das ideologias ambientais climáticas (incluindo os de Al Gore e Lynas) estão relacionadas a dois vieses principais.

O primeiro, aparentemente ingênuo, mas que se dirige diretamente ao modo com que os seres humanos vivem suas vidas (lembrando da definição de ideologia de Therborn citada no início dessa discussão), se vincula com as mudanças nos modos de vida de cada indivíduo em particular. Exemplificado, em linhas gerais, por um indivíduo que deixasse de andar de avião (por ser este um potencial produtor de gases estufa); que pintasse o telhado de sua residência de branco para aumentar o albedo terrestre⁴ ou, o que é uma consideração um tanto mais séria, trocasse seu veículo movido à energia proveniente de combustíveis fósseis por outro movido à energia renovável (elétrica, por exemplo), fomentando todo um novo mercado automobilístico; ou que passasse a comprar, em seu cotidiano, somente produtos com alguma espécie de “selo de qualidade ambiental” que comprovasse a procedência “limpa de gases estufa”. Este indivíduo estaria fazendo a sua parte, dentro do *possível* interpelado

pela ideologia ambiental climática, se sentiria satisfeito com sua contribuição e não responsável pelas catástrofes vindouras. A tragédia reside em assumir que o somatório das participações individuais afetaria todo o sistema climático terrestre desconsiderando, assim, as premissas de Ribeiro (1993) listadas acima.

O segundo viés de propostas de possibilidades é, em uma primeira análise, mais robusto e engendra modificações no âmbito do Estado, uma vez que este assume para si a responsabilidade de conter as catástrofes derivadas do aquecimento global. Para resumir assunto de grande abrangência analítica basta apontar o exemplo do Brasil, que promulga leis e assina inúmeros tratados ambientais internacionais voltados à contenção de emissão de gases estufa respaldado por discursos que, como temos tentado demonstrar ao longo desta investigação, são muitas vezes falaciosos, aprofundando, assim, ainda mais as cicatrizes econômicas de um Estado já carente de investimentos em garantias fundamentais como saúde, educação e moradia.

Até aqui, foram descritos, analisados e exemplificados os três modos pelos quais as ideologias ambientais climáticas interpelam os sujeitos, dizendo a eles o que *existe*, o que é *bom*, o que é *possível* e todos os seus contrários. Para Therborn “estes três modos de interpelação constituem, em conjunto, a estrutura elementar do processo ideológico de submissão/qualificação, mas podem ter um peso e uma importância distintos em cada discurso ou estratégia discursiva” (THERBORN, 1991, p. 16). Deve-se destacar que a ressalva do peso e da importância de cada modo de interpelação está vinculada não só ao tipo de discurso mas também às dimensões espaciais e temporais nas quais são aplicados. Isso quer dizer, por exemplo, que “algo pode ser bom e justo em todas as partes, em algumas partes, aqui ou em outra parte” (Idem, p. 16) e ainda que “a constituição de uma ordem discursiva em uma determinada sociedade é o resultado histórico das lutas travadas pelas forças sociais em momentos cruciais de crise e contradição” (Idem, p. 67).

No caso específico das ideologias ambientais climáticas pode-se dizer que o discurso utilizado atingiu a universalidade, uma vez que as responsabilidades das causas e da mitigação dos efeitos recaíram sobre todos os Estados e cada um dos indivíduos que habitam o planeta. Isso implica na transversalidade espacial das interpelações ideológicas que gera uma série

de contradições no próprio discurso. Para apontar apenas uma delas, que não requer muito esforço de imaginação para pensar nas implicações da interpelação do que é bom e justo – mudanças individuais no modo de se viver –, para um sujeito jovem, residente em um país industrializado, pertencente a uma classe média estagnada, membro de alguma ONG ativista ambiental, em comparação a um sujeito de meia idade, habitante de um país subdesenvolvido, pobre, pertencente a um grupo social explorado, sem instrução. O primeiro teria menos dificuldades em assumir as mudanças em seu modo de vida e até poderia elevar seu *status* social dentro de seu grupo de convivência (contando que as mudanças não refletissem negativamente em seus negócios, seus lucros ou seu padrão de consumo). O segundo estaria ocupado o suficiente com a manutenção de sua própria sobrevivência e de sua família para se importar em medir quanto gás estufa está emitindo em sua vida cotidiana. Com relação à dimensão temporal que o discurso assume, acreditamos ser suficiente apontar que as ideologias ambientais climáticas – que se travestem ao longo do tempo – não teriam a menor fração da força que têm hoje ou sequer existiriam, como de fato não existiram, durante, por exemplo, o final do século XIX e a primeira metade do século XX, quando o progresso, o desenvolvimento econômico e a industrialização sujeitavam as forças da natureza de forma explícita. Essa mesma sujeição permanece hoje, mas velada pelos vários discursos ideológicos ambientais do qual o climático é apenas uma (proeminente) faceta.

Neste ponto torna-se apropriado um breve comentário sobre o duplo sentido da palavra *sujeito* destacado por Therborn como sendo de fundamental importância para compreender a dialética (submissão/qualificação) da ideologia. Este duplo sentido pode ser indicado em expressões como “o sujeito (submissão) ao poder do rei X (ou ordem social Y)’ e ‘os sujeitos da história.’ No primeiro sentido se refere às pessoas subjugadas a uma força ou ordem determinada; no segundo aos fazedores e criadores de algo” (THERBORN, 1991, p. 14). Para as ideologias ambientais climáticas este sentido dual da palavra sujeito cria uma contradição na medida em que em dada posição os indivíduos estão sujeitos às catástrofes climáticas enquanto em outras esses próprios indivíduos são sujeitos capazes de controlar as mudanças do clima e o futuro da vida da Terra.

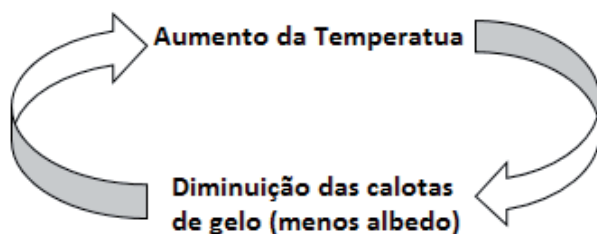
Ao tratar da estruturação do discurso, Therborn resgata os procedimentos utilizados para o controle, a sanção, a organização e a redistribuição do discurso analisados por Foucault, que, ao serem generalizados por aquele autor, se agrupam, basicamente, em três grandes grupos: restrição, proteção e apropriação delimitada do discurso. A restrição do discurso se relaciona com quem, quando, sobre que e em que ocasião se pode dizer algo (THERBORN, 1991, p. 68). A restrição do discurso das ideologias ambientalistas climáticas está diretamente ligada à formulação da falácia do falso dilema e a emergência de uma ou outra corrente de interpretação como excomungada, conforme já comentamos. A proteção do discurso se relaciona a seus “procedimentos internos que estão destinados a resguarda-lo de outros discursos (cuja existência está permitida)” (Idem, p. 68), determinando que um autor ou um determinado tipo de autores são os únicos que podem fazer afirmações válidas. A falácia dos argumentos de autoridades é uma das formas de proteção do discurso ambientalista climático no qual todas as esperanças da humanidade (contando com o forte apelo emocional dos leitores) são depositadas nos estudos do IPCC e seus derivados.

Tendo desenvolvido ao longo da discussão principalmente a maneira pela qual as ideologias ambientais climáticas submetem os sujeitos a uma determinada ordem estabelecida, ou seja, dizem o que existe, o que é bom e o que é possível e todos os seus contrários com relação ao aquecimento global, resta um comentário sobre a maneira através da qual estas ideologias qualificam estes mesmos sujeitos para também “qualificá-las” no “sentido de especificá-las e modificar seu âmbito de aplicação” (THERBORN, 1991, p 15). Esta qualificação pode ser, a princípio, entendida de duas formas complementares. Primeiramente, os sujeitos interpelados pela ideologia ambiental climática tornam-se qualificados para atuar conscientemente no mundo com novas práticas e modos de vida que resultem, no fim, em menos degradação ambiental e emissão de gases estufa. Em seguida, o próprio discurso ambiental se autoqualifica e é qualificado por agentes externos, na medida em que os argumentos utilizados para sua propagação tornam-se mais sofisticados. As causas do aquecimento global, por exemplo, que eram antes exclusivamente atribuídas à maior concentração de gases estufa na atmosfera (CO₂, em particular) foram,

ao longo do tempo, sendo incrementadas por processos mais complexos como esquemas de *feedbacks*⁵ positivos, como o que descreve o ciclo de temperatura e degelo, aqui representados de forma simples na Ilustração 2.

Ilustração 2

ESQUEMA SIMPLIFICADO DO FUNCIONAMENTO DO *FEEDBACK* POSITIVO ENVOLVIDO NO CICLO DE AUMENTO DE TEMPERATURA E DEGELÓ (DIMINUIÇÃO DO ALBEDO TERRESTRE)



Fonte: Desenho do autor adaptado de ARCHER, 2009.

A constante qualificação dos discursos requer, para os que se dispõem a criticá-los, uma contra resposta de qualificação. Dessa forma, pode-se dizer que os discursos ideológicos estão em constante relação de conflito, sobreposição e competição. A não qualificação de qualquer um dos lados acarreta, muitas vezes, a materialização da falácia de rotular ou caricaturar uma determinada hipótese para mais facilmente combatê-la, deixando de lado as sofisticções e qualificações que ela adquiriu ao longo do tempo.

4. Conclusões

Este trabalho pretendeu demonstrar que a temática das mudanças climáticas globais envolve a emergência de ideologias de caráter universal. Os discursos delas provenientes são, em maior ou menor grau, falaciosos, evidenciando as maneiras pelas quais as estruturas ideológicas interpelam os sujeitos no sentido de submetê-los e qualificá-los, nos termos defendidos por Therborn (1991).

A tentativa de enquadrar a corrente de interpretação que deriva as causas e consequências do aquecimento global das atividades antropogênicas (os tidos alarmistas ou aquecimentistas) como uma ideologia não

deve ser entendida como uma categorização pejorativa, como o termo já carregou e ainda carrega em seu significado (MCLELLAN, 1987). Para fazer jus a uma discussão mais democrática nada impede de dizer que a outra corrente, os que negam ou são céticos com relação à capacidade do homem em alterar o clima da Terra, também pode ser categorizada como ideológica e reproduzir – em maior ou menor grau – as mesmas falácias em seu discurso. Isso implica que a ciência, enquanto um corpo teórico que interpreta a realidade, não está dissociada de estruturas ideológicas, como muito equivocadamente se tem defendido. Aqui regressamos à necessidade da busca pelo que é menos ideológico nas opiniões disponíveis sobre uma determinada questão, como apontado por McLellan (1987).

Uma vez identificado o caráter ideológico dos discursos sobre o aquecimento global e suas formas de interpelação, as práticas cotidianas e as maneiras de viver no mundo, bem como a configuração de uma agenda pública de compromissos do Estado para com seus cidadãos, deveriam ser repensadas de forma crítica e consciente. As verdadeiras forças que propagam estes discursos ideológicos, que atravessam todas as sociedades e tocam nas mais íntimas subjetivações dos seres humanos, não podem mais ser ignoradas.

Notas

- ¹ A obra de Therborn utilizada neste trabalho é “*La ideología del poder y el poder de la ideología*” e as citações transcritas foram traduzidas por nós do espanhol para o português de forma livre.
- ² Novamente insistimos na preocupação de não reduzir a discussão apenas às duas correntes de interpretação (alarmistas e céticos), apenas busca-se realçar aqui as duas correntes mais pronunciadas na atualidade. Para outras possibilidades de discussão visitar inicialmente Lomborg, B., *O ambientalista cético*, 2002; GARVEY, J. *Mudanças climáticas: considerações éticas. O certo e o errado no aquecimento global*, 2010; MARUYAMA, S. *Aquecimento global?*, 2009, e outros autores relacionados.
- ³ A atividade dos vulcões desempenha uma potencial força natural, na medida em que uma sequência ou uma grandiosa erupção podem lançar, em pouco tempo, quantidades muito superiores de materiais particulados e gases estufa do que as ações humanas em longo termo – dos quais, aliás, o vapor de água é muitas vezes mais eficiente do que o gás carbono, devido, em linhas gerais, à sua estrutura química. Os resíduos das erupções podem ter efeitos de resfriamento no clima mundial uma vez que as nuvens de fuligem e cinzas bloqueiam a passagem da luz solar.
- ⁴ O albedo terrestre é a medida de quanto da radiação solar que a Terra recebe é refletida de volta para o espaço e deixa, portanto, de participar dos processos de aquecimento do planeta. Superfícies claras, como as nuvens e as bancadas de gelo nos polos, são as principais responsáveis pelo albedo atual do planeta.

- ⁵ *Feedbacks* são ciclos de causas e efeitos. Aquelas respostas que atuam amenizando as perturbações iniciais são chamadas de *feedbacks* negativos, enquanto aquelas que amplificam as perturbações iniciais são denominadas *feedbacks* positivos.

Referências

- ARCHER, D. **Global Warming: Understanding the Forecast**. University of Chicago, Video Lectures, 2009. Disponível em <http://forecast.uchicago.edu/lectures.html>.
- DOWNES, S. **Guia das Falácias Lógicas**, Universidade de Alberta, Canada, 1996. Disponível em <http://www.onegoodmove.org/fallacy/welcome.htm>.
- FREITAS, V. O código social da obsolescência: um estudo de a sociedade de consumo, de Jean Baudrillard. In: PIMENTA, Solange M.; CORRÊA, Maria L.; DADALTO, Maria Cristina; VELOSO, Henrique M.. (Org.). **Sociedade e consumo**. Múltiplas dimensões na contemporaneidade. Curitiba: Juruá, 2010. p. 79-94.
- GORE, A. **Uma verdade inconveniente**. EUA: Lawrence Bender and Participant Productions, 2006.
- KLAUS, V. **Planeta azul em algemas verdes**: O que está correndo perigo, o clima ou a liberdade? São Paulo: DVS Editora, 2010.
- LYNAS, M. **Seis graus**: o aquecimento global e o que você pode fazer para evitar uma catástrofe. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2009.
- MARUYAMA, S. **Aquecimento Global?** São Paulo: Oficina de Textos, 2009.
- MCLELLAN, D. **A ideologia**. Lisboa: Editorial Estampa, 1987.
- MOLION, L. C. B. Desmistificando o aquecimento global. **Intergeo**, v. 5, p. 13-20, 2007.
- PEREIRA, O. **O que é teoria**. 2. ed. Coleção primeiros passos. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- POLLACK, H. **Um mundo sem gelo**. São Paulo: Editora Rosari, 2011.
- RIBEIRO, A. G. As escalas do clima. **Boletim de Geografia Teorética**, Rio Claro, v. 23, p. 288-294, 1993.
- SAGAN, C. **O mundo assombrado pelos demônios: a ciência vista como uma vela no escuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

THERBORN, G. **La ideología del poder y el poder de la ideología**. 3. ed. DF. México: Siglo Veintiuno Editores, 1991.

ŽIŽEK, S. **Primeiro como tragédia, depois como farsa**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2011.

Recebido em: 05/10/2016

Aceito em: 04/11/2016